

FEMINISMO E EQUIVALÊNCIA MATERIAL

No dia 08 de março, Dia Internacional da Mulher, vi algumas amigas de Facebook fumando charutos. Alguns amigos, também de Face, postaram que viam no charuto um objeto fálico e que Freud explicaria tal ação.

Discordei! Pois, não via no charuto objeto fálico, nem explicação freudiana. Via sim uma ação política saudosista e, simbolicamente, um retorno aos anos 60. Há época, as mulheres buscavam, não só direitos e igualdade social, mas uma equivalência material. Se os homens não usam sutiãs, soltam “pum” e arrotam à mesa, as mulheres, para serem equivalentes, tinham por obrigação fazer o mesmo. Foi uma grande disputa sexista. Historicamente penso que tal disputa foi válida. Pois, as mulheres necessitavam se afirmar como um "eu" entre os "eus" masculinos que imperavam soberanamente. O simbolismo do retorno é que, em 1968, porque os homens não usam sutiãs queimaram-no, hoje mudaram o objeto queimado. Fumaram charutos, porque homens fumam charutos.

Antes que me trucidem quero deixar claro que sempre defendi e defendo os direitos de igualdade das mulheres. Sou um homem cercado de mulheres por todos os lados. Tive relacionamento sério com quatro mulheres, tenho três filhas e quatro netas, obviamente uma mãe e duas avós. Mas, não é só por isso que defendo as mulheres. Defendo as mulheres porque penso que elas são tão ou mais humanas do que os homens.

Mas, confesso que estou preocupado como alguns grupos apontam as formas de luta pelos direitos da mulher e chego pensar que é uma nova proposta de luta entre gêneros. Pois, há uns 10 anos, em um debate sobre a questão da mulher, na Unioeste de Toledo, opus-me a uma tese parecida com essa, defendida pela então, diretora de ITAIPU, Gleisi Hoffmann. Há época apontei que as mulheres não eram uma classe social e os homens outra. Logo, o problema não era de gênero, mas de classes. Visto que, os problemas e vicissitudes das mulheres operárias eram diferentes dos problemas e benesses das mulheres empresárias. Defendi que as operárias deveriam se organizar nos sindicatos de trabalhadores e as empresárias, nas associações empresariais. Pois, a precarização do trabalho da mulher operária é a mesma

do homem operário. Já, as benesses da mulher empresária são as mesmas do homem empresário. Também aponte que a única coisa que é transversal nessa questão feminista é a violência contra a mulher. Pois, tanto a mulher operária quanto a mulher empresária sofrem agressões masculinas em suas casas, nas ruas, etc., fruto do machismo que baliza a sociedade brasileira.

Essa era uma visão política-revolucionária. Porém, hoje não se trabalha mais com a ideia de luta de classes. Pois, as divergências classistas foram substituídas pela convergência da classe média e a política-revolucionária foi substituída por um reformismo no sistema capitalista. Tanto é verdade que o maior partido da esquerda brasileira não busca resolver os problemas sociais pela política-revolucionária, mas, pelo moralismo caritativo das políticas compensatórias da socialdemocracia. Penso que, por essa convergência classista e esse moralismo caritativo, alguns grupos, estão retomando pontualmente lutas de gênero.

Antonio Carlos
Curitiba, 12/03/14